

## **A CONCRETUDE E A EFEMERIDADE DAS REDES INFORMAIS DE COMUNICAÇÃO COM A MEDIAÇÃO DAS MULHERES**

**RIBEIRO. Neusa Maria Bongiovanni**

**Doutora em Ciências da Comunicação. Centro Universitário Feevale/RS.**

Para além do que uma tese de doutoramento pode alcançar, no conjunto de dados estudados num determinado recorte de tempo e de espaço, ao se trabalhar com questões relacionadas às mediações de gênero, de trabalho, de etnia e de família aplicadas sobre os discursos formulados por mulheres, pode-se afirmar que as redes informais de comunicação existem como elementos que se constituem perceptíveis às relações sociais. Portanto, centradas em aspectos da realidade de diferentes vivências dos sujeitos envolvidos, e nas subjetividades das trocas realizadas, pela fluidez da linguagem utilizada nos processos comunicacionais instaurados. Aqui a referência é feita para as mulheres entrevistadas, os depoimentos informais e as observações realizadas na *pesquisa de campo*, por esta pesquisadora, no sentido de reunir elementos prevendo brechas nas discussões sobre as *redes informais de comunicação*, estudadas<sup>1</sup>. No entanto, sua concretude é forjada a partir do que se estabelece como interesse dos diferentes grupos sociais, observando-se aí elementos da fugacidade do tempo, que se mesclam aos saberes apresentados pelas mulheres, em questão.

O estudo, realizado entre 2006 e 2007, indicou que as atitudes e procedimentos adotados pelas mulheres, normalmente são de contribuição para o desenvolvimento de outros processos de avanço daqueles grupos, inclusive na sua organização familiar. Pode-se entender que há nesses elementos o reforço de valores como confiança, solidariedade e melhora da auto-estima, num refazer permanente de saberes, que interferem na vida das

---

<sup>1</sup> Foram observados, em 2006/2007, dois grupos de mulheres durante os estudos e formulação da tese - o grupo de trabalhadoras da Cooperativa dos Trabalhadores no Calçado do Jardim Liberato/Boa Saúde Ltda, de Novo Hamburgo, RS, e o grupo de trabalhadoras do bairro Restinga, de Porto Alegre, RS. A tese de doutorado sob o título A Mediação das Mulheres na Constituição das Redes Informais de Comunicação, desta autora, foi apresentada em banca e aprovada em março de 2007, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos/RS.

comunidades onde estão. Assim, as redes informais de comunicação se constituem e se desfazem de acordo com os interesses temporariamente coletivos presentes, com as mediações das mulheres. E é pelo uso da oralidade, pelas vias das comunicações verbais faladas e comentadas (ou ainda do que não for dito) que as redes se materializam concretamente, num fluir permanente das trocas de saberes, mesclando isso com a efemeridade dos acontecimentos.

Dessa forma, as relações comunicacionais realizadas pelas mulheres em questão, são *nós* das redes informais, que, mesmo atravessados pelos processos midiáticos, presentes hoje na vida delas, se processam ao longo da sua história, e são pertencentes apenas as suas realidades, sem serem representados pelos meios de comunicação, nos seus saberes cotidianos.

Os elementos que traduzem a concretude das redes informais de comunicação estão propriamente nas relações de convivência cotidiana, nos laços de proximidade, de amizade e pertencimento em grupos que se identificam propriamente por suas restrições, conflitos e necessidades. Neste sentido, a temporalidade é fator básico deste refazer permanente das relações, que se estruturam em cima do que o espaço geográfico oferece às mulheres, mediadoras dos diferentes saberes familiares, sendo repassados em diferentes níveis para seus entes próximos e aos que estão fora desses círculos de parentesco.

Ao tratar especificamente das formas de difusão de inovações, na sociedade, Santos (2003, p. 51) comenta que as redes interpessoais permanecem ainda como elementos de processos nos quais o “indivíduo desempenha um papel principal, uma vez que ele é capaz tanto de facilitar a introdução de uma inovação como, igualmente, de resistir, num grau maior ou menor, a aceitá-la”. Para o autor (ibidem, p.56), a dimensão temporal está intrinsecamente vinculada à localização espacial dos indivíduos, assim como, “essa localização resulta, direta ou indiretamente, de fenômenos que deitaram raízes previamente”. Assim, a localização espacial pode ser considerada, de igual forma, como um outro fator estruturante das redes informais de comunicação, uma vez que é do espaço concreto da casa e de sua proximidade de vizinhança com outras casas, e, portanto, com outras famílias e mulheres - principalmente - que elas vão sendo geradas e mediadas.

Pode-se afirmar, então, que as redes informais de comunicação não são visíveis, mas são perceptíveis e se diferem em níveis de sociabilidade, se apresentando de acordo com os interesses estabelecidos pelos grupos organizados (no caso das mulheres entrevistadas), ao mesmo tempo em que se recompõem em outras instâncias das relações sociais/comunicacionais, de acordo com os papéis exercidos pelas mulheres. Papéis esses estabelecidos de acordo com os contratos tácitos formulados nas relações, e que as mulheres empreendem como estimuladoras de avanços nos diferentes grupos em que se inserem.

São, portanto, as redes informais de comunicação, elementos agregadores e produzem avanços na melhoria da qualidade de vida das comunidades onde se constituem, mesmo que haja dificuldades para a compreensão dos discursos e surjam conflitos, entre as mulheres participantes. Da mesma forma, que o discurso elaborado por todas contempla o que se estabelece nos âmbitos do privado e do público, em seus diferentes níveis de participação. Embora as redes informais possam se desfiar diante de crises que se apresentam momentaneamente nos grupos pesquisados, elas deixam marcas da convivência e ajuda mútua, propiciando novos conhecimentos, recorrentes para as próximas relações sociais/comunicacionais a serem estabelecidas pelas mulheres.

Ao se trabalhar com a idéia das redes informais se tornarem brechas ou rupturas do tecido social, se pode, também, afirmar que elas são alternativas de relações comunicacionais autônomas e abertas, que se compõem, com a intervenção dos meios de comunicação de massa, e de outros processos comunicacionais vigentes, que contribuem para o desenvolvimento das comunidades locais e regionais. Estas condições foram constatadas nos discursos formulados pelas mulheres entrevistadas, que estabelecem trocas e formulam estratégias de resistência diante da imposição da hegemonia midiática, presente no tecido social.

Efetivamente, as mediações realizadas pelas mulheres são significativas na constituição das redes informais de comunicação na medida em que, ao serem expressas através da linguagem, se pluralizam em novos pensamentos e em novas relações que vão

num ‘cotinuum’ se re-elaborando, se re-alimentando, se reproduzindo em novas redes e assim sucessivamente.

Ao acoplar-se o conceito das *redes de comunicação*, cujas metáforas são citadas por alguns autores, às suposições e hipóteses para identificar melhor a representação das *redes informais de comunicação* e, formulando-se um conceito próprio, percebeu-se o quão factíveis elas são, por se constituírem dentro das realidades das mulheres entrevistadas.

A partir de estudos realizados por diferentes autores sobre redes de comunicação, e localizando em Luhmann (1997), que aprofundou conhecimentos sobre a Teoria dos Sistemas, relacionando-se com o que Maturana e Varella (1988) pesquisaram, pressupõe-se que as *redes informais de comunicação* são sistemas autopoieticos – isto é, que se auto-reconstróem e se conectam ou se acoplam estruturalmente, através de pontos comuns com outros sistemas internos e externos e realizam operações de comunicação, no sistema social maior. Nesses sistemas, tradição, cultura e modernidade são elementos presentes da vivência da humanidade em diferentes ambientes, embora alguns autores comentem sobre a fragmentação do conhecimento, inclusive com a ruptura do que seja tradição para novos valores colocados através de tecnologias adaptadas aos meios de comunicação.

A existência das redes só depende dos interesses comuns que vão sendo contemporizados no tecido social, com suas contradições, tensões e conflitos presentes na vida dos seres humanos. A localização das mulheres como elementos fundamentais na estruturação das redes informais, com suas mediações, traz para discussão aspectos presentes nas questões de gênero, que, assumem contornos nítidos da formulação do conhecimento nessas estruturas não visíveis. As redes informais de comunicação são, pois, fluxos contínuos, com ritmos próprios, isto é, acontecem em tempos e espaços diferenciados, com a participação direta dos sujeitos que produzem e consomem comunicação, mas, têm na mediação das mulheres, sua base de constituição.

No entanto, o que se entende por *hegemonia midiática*, ou seja, a dominação dos espaços de produção da informação por aquelas estruturas empresariais que se apropriam dos saberes populares e tentam transformar esses saberes em outros, generalizados, ou desconstituídos de suas características locais, intervêm também na formulação das redes

informais, tornando-as assim, componentes de processos de comunicação. Porém, pela dinâmica das relações presentes nas redes informais, pela história das mulheres que permanece nas suas memórias, nas suas trajetórias e nos avanços cotidianos, essas redes são autônomas e ‘escapam’ às estruturas formais dos meios de comunicação de massa.

O que se pode perceber dos discursos coletivos formulados é que, para além dos recortes propostos nas mediações de gênero, de trabalho, de etnia e de família, no momento em que as mulheres alcançam a oportunidade de adquirirem conhecimento, seja através da elevação da escolaridade, formalmente, ou através de outros tipos de formação, como por exemplo, a formação para o trabalho, aflora-se nelas a ampliação das possibilidades de contribuição para a melhoria das condições de suas vidas, de seus familiares próximos e da comunidade onde estão inseridas.

Em uma das experiências observadas, com as mulheres participantes de uma cooperativa de trabalho, no ramo calçadista, percebeu-se que elas não se apropriaram do conhecimento para gerenciarem seu próprio negócio, situação essa expressa em seus discursos.

Mesmo havendo solidariedade entre as participantes do grupo de Novo Hamburgo, para questões relacionadas à vida privada de cada uma, este sentimento foi pouco utilizado nas questões vinculadas à produção, propriamente dita, não se formulando, de certa forma, discursos públicos, claros, sobre o trabalho cooperativo. Percebia-se que elas aproveitavam o conhecimento adquirido nas fábricas de produção de calçados e bolsas, onde já tinham trabalhado anteriormente, e tentavam ‘reproduzir’ o ambiente, embora houvesse uma outra conjuntura para que exercitassem suas tarefas. Entretanto, considera-se que a ausência de confiança mútua na realização do trabalho coletivo restringiu o discurso delas às experiências vivenciadas em outros ambientes, e pouco entendidas como um processo de sua autoria, naquele ambiente que deveria ser constituído por cada uma e por todas, no grupo.

Não houve, portanto, uma apropriação legítima pelas mulheres, nem do espaço que elas ocupavam naquele momento, nem da capacidade de produção e dos potenciais que

tinham para produzir mais e se organizarem melhor, para poderem usufruir melhores condições de sobrevivência fora da cooperativa.

Vale ressaltar que a cooperativa não fechou, mas aquele grupo participante da pesquisa, não permaneceu como suporte humano para as discussões que poderiam ter evoluído, na busca de alternativas às situações difíceis que se apresentaram, ou por elas mesmas, ou com o apoio de agentes externos que pudessem contribuir. Também vale a referência para o que elas entendiam e o que elas tinham de ganho concreto com o que produziam. Havia nas entrelinhas das suas expressões a preocupação constante com a sua manutenção econômico-financeira e a de suas famílias, já que dependiam somente daquela geração de renda, para tanto.

As *mediações*<sup>2</sup> geradas naquele momento foram aquelas relacionadas às necessidades de ganho imediato e, como iriam conseguir melhorar, sem perceberem o potencial do empreendimento cooperativo nesse sentido. Havia condições ambientais e uma estrutura mínima necessária que possibilitasse a melhoria dos seus ganhos imediatos e o rompimento com a lógica assalariada, no entanto, a falta de compreensão dessas possibilidades e a baixa produtividade impediram que se efetivassem.

O discurso elaborado pelas mulheres demonstrou essa incompreensão, ao contrário do que foi expresso na formulação do discurso das mulheres do bairro *Restinga*, onde a construção de sentido, a partir da sua atuação como *Multiplicadoras de Saúde*, inicialmente, e depois, como participantes do grupo de Comunicação Comunitária, no projeto *Reaprendendo a Comunicar - A voz das mulheres negras do gueto pra fora*, resultou em mediações de outros conhecimentos adquiridos, no exercício daquelas experiências vividas por elas.

Diferentemente das mulheres de Novo Hamburgo, as mulheres de Porto Alegre tinham em suas vivências a necessidade emergencial de atingirem outros patamares de conhecimento, algumas delas já tendo ultrapassado, por exemplo, a barreira da alfabetização e chegado ao Curso Técnico de Enfermagem. Essa evidência relacionada à

---

<sup>2</sup>O termo *mediações* vem dos estudos realizados por Jesús Martín-Barbero, registrados no livro 'Dos Meios às Mediações' publicado em 1987.

preocupação de melhorarem o grau de escolaridade das mulheres entrevistadas, chama a atenção desta pesquisadora, já que viviam em situação de pobreza, pois as entradas financeiras eram escassas diante da necessidade de aquisição de alimentos e outros bens de consumo, que oportunizasse conforto e bem-estar para si e seus familiares.

A relação entre trabalho - para a geração de renda - e pobreza - no sentido mais amplo que a palavra possa significar, como a *pobreza humana* que abrange diversos níveis, pode gerar discursos que não demonstram a realidade das mulheres que vivem, como tantas outras trabalhadoras brasileiras e de outros países latino-americanos, com salários mais baixos do que aqueles recebidos pelos homens, mesmo naquelas tarefas que possam ser executadas tanto por um, quanto por outro, da mesma forma.

Porém, as experiências relatadas pelas mulheres do bairro Restinga, por exemplo, em relação ao aprendizado que tiveram sobre Comunicação Comunitária e os diferentes equipamentos que se pode usar na disseminação da informação, como os sistemas computadorizados, indicaram a elas outras possibilidades de trabalho. Ao se conectarem via Internet com outras comunidades, em seus locais de trabalho, perceberam o quanto isso pode representar de transformação nos seus modos de produzirem e consumirem a comunicação, cotidianamente. Perceberam que o uso dessas ferramentas pode auxiliar nas estratégias adotadas para gerarem renda e, também, entenderem melhor o mundo em suas conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais.

De outra forma o Discurso do Sujeito Coletivo<sup>3</sup> formulado pelos dois grupos de mulheres entrevistadas, indica que o uso dos meios de comunicação pelas empresas, reproduz os acontecimentos sob pontos de vista diferentes daqueles vivenciados por elas na realidade. Particularmente, ao que se refere a notícias de fatos vivenciados nas suas comunidades, em muitos casos, o fato noticiado é diferente do fato vivido.

Pelas afirmações feitas nos discursos das mulheres entende-se que muitos dos fatos noticiados na mídia, não representam a realidade vivenciada por elas ou de suas comunidades, o que pode ser reconstituído através das redes informais, num processo de

<sup>3</sup> Método utilizado para análise dos discursos apresentados nas entrevistas das mulheres observadas, nos dois grupos, para a tese de doutorado já citada., criado por dois professores paulistas, que descreve e junta as idéias centrais do discurso formulado por cada indivíduo e no sentido coletivo.

constituição de uma nova versão do fato, para essas pessoas. De outra forma, se uma notícia for construída com distorções e divulgada pelos meios de comunicação de massa, também pode ser reproduzida pelas redes informais da mesma maneira equivocada.

Vale ressaltar que no grupo das mulheres do bairro Restinga a afirmação apareceu com mais intensidade, uma vez que já conviviam com situações de narrativas de acontecimentos próximos a elas, que efetivamente, tiveram visibilidade na mídia e elas perceberam o quanto havia de equívocos. Na época, essas mulheres também já haviam recebido informações sobre as diferentes maneiras de produção das notícias pelos profissionais de jornalismo, com referências à confiabilidade das fontes e os usos dos meios, no projeto de Comunicação Comunitária.

As mulheres entrevistadas explicaram, da mesma forma, que já estavam se preparando para a produção de um programa de rádio a ser veiculado na programação da Rádio Comunitária local, que foi fechada antes do programa ir ao ar. Assim, valores que são considerados significativos na constituição das relações sociais/comunicacionais e estigmatizados pelos grupos dominantes, detentores dos meios de comunicação de massa, podem ser reformulados e re-colocados pelas próprias comunidades.

Diante do exposto, pode-se inferir, pois, que as redes informais de comunicação tendem a contribuir para o esclarecimento de eventuais equívocos produzidos pelos meios de comunicação de massa, reformulando os conhecimentos a partir das dinâmicas instituídas pelas referidas comunidades.

Na visão desta pesquisadora, a formação para a crítica da mídia que as mulheres do grupo do bairro Restinga receberam, oportunizou-lhes constituir um novo olhar sobre a produção jornalística dos profissionais dos meios de comunicação de massa. E as provocou a melhorarem seus próprios processos comunicacionais que vão sendo constituídos cotidianamente. Neste sentido, pode-se pensar sobre as perspectivas em relação aos usos dos meios para o trato das vivências comunitárias também como elemento estruturador de conhecimentos e constituinte das redes informais de comunicação. E aqui se aborda a questão da formação dos próprios profissionais de comunicação em seus cursos universitários, que, por experiência própria desta pesquisadora, desconhecem, em sua

maioria, as possibilidades de trabalho efetivo junto às comunidades, procurando aproveitar os saberes populares, sem manipulação, e reconhecendo seus valores na constituição de novos canais de expressão.

A apreensão do conhecimento e as discussões sob o foco da 'formação' para a crítica da mídia realizados com um grupo de mulheres trabalhadoras, entrevistadas, tendem a fomentar uma visão aberta naquelas mulheres, diferenciando-as das demais, na medida em que se tornam mais atentas para as estruturas da sociedade com as quais vão mantendo contatos, entendendo e assumindo lugares próprios na defesa de sua cidadania. Ao terem tratado de temas como a sexualidade, o preconceito étnico, os direitos civis das mulheres, de forma direta, observando princípios relacionados à defesa dos direitos humanos, e, incorporando isso aos demais saberes que já possuíam, têm hoje elementos para poderem enfrentar situações de conflito, com um discurso mais bem organizado e, com melhor preparação em seus posicionamentos.

Ao perceberem, através do aprendizado, a importância do uso dos meios de comunicação, as mulheres do bairro Restinga puderam debater e refletir sobre a própria relação entre os meios e as comunidades, a partir da análise dos conteúdos de suas programações radiofônicas e televisivas, além dos textos impressos nos jornais; sobre os modos e formas de produção das informações para chegarem até o público, e o que essas articulações podem causar em suas próprias realidades. Reflexões essas, que não foram feitas da mesma maneira com as mulheres de Novo Hamburgo, embora houvesse a preocupação desta pesquisadora em suscitar discussões sobre aqueles elementos relativos aos usos dos meios de comunicação. Não se pode deixar de referir que as mulheres da cooperativa têm experiências bem diversas daquelas das mulheres do bairro Restinga, com saberes próprios, que demonstraram o quão podem desempenhar em atividades intelectuais e operacionais, produtivas, se tiverem oportunidade para tanto. E ao expressarem suas opiniões, também formulam críticas aos procedimentos midiáticos, mesmo que se mantenham 'distantes' - parecendo que a mídia está fora de seus contextos cotidianos - e não se insere diretamente em seus saberes.

Ao distinguir-se a produção de um jornal comunitário no bairro Boa Saúde, em Novo Hamburgo, com a contribuição de segmentos da população na produção da pauta, por exemplo, pode-se pensar que essa é uma forma significativa de usar um meio de comunicação, como o jornal, para estimular aquela comunidade a vir a se mobilizar para temas de seu interesse. Não se pode ignorar, igualmente, que há diferenças nos fluxos e nas temporalidades dos processos comunicacionais, para que haja compreensão e o exercício efetivo dos sujeitos produtores e consumidores de comunicação, na busca da apropriação dos conhecimentos, como é o caso das mulheres cooperadas. Pode-se considerar, no entanto, que ao tomarem conhecimento da produção do jornal em sua comunidade devem, pelo menos, estarem atentas para o que essa produção possa surtir de efeito coletivo, e virem a se tornar colaboradoras efetivas do jornal.

Vale ressaltar, que as experiências brasileiras das rádios comunitárias e de usos dos meios como formas alternativas de valorização das diferentes comunidades, representam uma corrente de resistência presente no tecido social, que disputa francamente com os grupos hegemônicos da comunicação. Embora, a discussão sobre o poder de gestão para determinados grupos do movimento social ainda esbarra na aplicação de uma lei, que não está totalmente regulamentada, essas experiências configuradas, seja no território nacional ou em outros países, através da organização social, demonstram, ciclicamente, a constituição de estratégias para a renovação dos discursos e das identidades de populações normalmente excluídas.

De outra forma, as redes informais de comunicação têm contribuído para que os usos alternativos dos meios reforcem os processos identitários de diferentes comunidades, onde se forjam os papéis sociais dos sujeitos que produzem e consomem comunicação. Igualmente, são nesses espaços territoriais que vão se estabelecendo não só contrapositionamentos aos usos dos meios formais de comunicação, mas, também, a abertura para o próprio aprimoramento dos modos e estratégias usados nesses meios, a partir das críticas e das re-elaborações do que é transmitido, para a sociedade. O que não isenta os proprietários detentores dos grandes monopólios de praticarem políticas editoriais e culturais elitizadas.

Entende-se, também, que o lugar ocupado pelas mulheres entrevistadas é um lugar de poder, constituído por outros micro-poderes internalizados na sociedade, especialmente nos grupos familiares, embora se possa notar que as diferenças entre elas e os homens são mais da ordem da sexualidade do que da busca de cidadania, também reforçados na mídia. Entretanto, quando se trata de situações de desemprego de um dos parceiros notou-se que o outro ou os demais auxiliam na manutenção econômico-financeira do grupo pertinente.

O discurso constituído pelas mulheres entrevistadas é um discurso de referência neste lugar que ocupam, onde elas assumem a condição de mulheres, mães, amigas, vizinhas, trabalhadoras e se desdobram em tantos outros papéis, quantos forem convocadas para exercê-los, sempre que possível de forma autônoma, nas suas realidades. Embora não seja fácil desprenderem-se dos cativeiros impostos por um sistema patriarcal ainda vigente, cuja marca maior se concentra no sistema econômico dominante, cada vez mais globalizado, pode-se afirmar que são as conquistas, permanentemente buscadas ao longo da história da humanidade, que vão se estabelecendo como suportes para novos processos emancipatórios. No entanto, os discursos coletivos formulados pelas entrevistadas, estão carregados de subjetividade, com marcas de um mundo que tem sido transformado também com as suas contribuições, contradições e limitações, aonde os processos comunicacionais vão sendo constituídos como elementos fundamentais das relações estabelecidas por elas.

Quando se trata de processos emancipatórios dos diferentes grupos sociais a participação das mulheres é destacada, principalmente no que se refere à linguagem utilizada como recurso formador de opinião, de lógicas e negociações para que novas possibilidades sejam alcançadas, observando-se aí elementos de um espírito de dádiva que vai sendo recomposto no cotidiano de cada uma.

Mais do que se pensar nos diferentes espaços de atuação das mulheres, no tecido social, há que se verificar como se forjam os discursos vigentes nos âmbitos doméstico, de produção, do mercado, da comunidade e da cidadania, para se compreender melhor questões regulatórias impostas pelo sistema econômico e cultural vivenciado na realidade. Entende-se, pois, que a intervenção midiática na sociedade reproduz esses discursos, pasteurizando as representações simbólicas complexas, centrando, contemporaneamente, na

intensificação do consumo, algumas articulações que perpassam aqueles diferentes espaços de atuação das mulheres, com seus discursos. Assim, ao se verificar os fios que vão compondo as tramas das redes informais de comunicação, percebe-se na base do discurso formulado pelas entrevistadas, cuja situação econômica é considerada de baixo poder aquisitivo, inferências ao que pode ser contraditório, e se apresenta impregnado como o que lhes é necessário para ter dignidade: o trabalho.

A associação feita por algumas delas ao trabalho formal, remunerado, portanto, reconhecido como um tipo de regulação social através dos contratos estabelecidos, onde a exploração da mais-valia é a principal referência, reforça uma distorção ao que podem executar e ganhar na informalidade, aproveitando seus potenciais intelectuais e operacionais, também valorizando o próprio espaço da comunidade.

Ao saírem do espaço privado e estabelecerem estratégias de sobrevivência coletivas, públicas, onde podem contar com a participação de vários integrantes de suas relações, ou não, as mulheres estão compondo parte da base estruturante do sistema vigente, e gerando no interior dos lares profundas transformações que se refletem no mercado de trabalho. A escassez de empregos está reconfigurando os espaços domésticos e as famílias, de diferentes formas, para o enfrentamento da carência de recursos.

Se o trabalho aparece como um dos recursos mais importantes para a valorização da auto-estima das entrevistadas e a revelação através de suas falas, se caracteriza pela busca permanente de autonomia, há que se pensar nas diferentes possibilidades que a ação coletiva dos grupos sociais pode promover para a qualificação dessas mulheres, alterando a realidade, que a falta de empregos causa nas suas vidas.

Entretanto, há, para além de um discurso estabelecido para as relações de boa convivência nos diferentes grupos sociais, através das redes informais de comunicação, aquelas implicações que apresentam, também, as profundas distorções humanas, para os casos de violência tão intensamente divulgados pela mídia, e que também se apresentam no cotidiano de algumas mulheres entrevistadas, de acordo com seus relatos.

Nos levantamentos de estudos e trabalhos de pesquisa realizados, por esta pesquisadora, pôde-se apurar uma série de informações relacionadas às situações de violência doméstica a que as mulheres são submetidas, muitas vezes juntamente com os filhos, mesmo que, em muitos casos, sejam responsáveis pela provisão de renda. A desestruturação familiar no contexto de desemprego e salários inadequados à manutenção de uma família pode causar reflexos de um 'relativo fracasso' masculino e resultar em comportamentos de violência, fuga ou mesmo na expulsão do homem dos espaços domésticos. Esses são elementos que contribuem para a geração de conflitos nos diferentes âmbitos de participação das mulheres, no tecido social, muitas vezes incompreendida por todos os sujeitos produtores e consumidores de comunicação, ainda a serem superados no interior das próprias redes informais de comunicação e em outras instâncias da sociedade.

De outra forma, o reconhecimento da participação feminina para o desenvolvimento das relações sociais/comunicacionais dos diferentes grupos humanos, com suas mediações e novas formulações de conhecimento, através de estudos como este, tende a ser mais uma brecha na estruturação daquelas redes informais, que vão fortalecendo as relações comunitárias, em seus diferentes nichos, possibilitando a ampliação de perspectivas para novos estudos que possam prosseguir, analisando os diferentes *nós* que as compõem.

Vale ressaltar, finalmente, que a mediação das mulheres na constituição das redes informais de comunicação é destacada na medida em que, a participação delas na sociedade tem sido tratada pela via da emancipação, em seus diferentes âmbitos, na busca de resoluções para os diferentes processos de desenvolvimento instaurados, iniciando por aqueles do grupo familiar. Dessa forma, e pelo cruzamento de diversos aspectos, as mulheres contribuem para que as redes informais de comunicação sejam concretas, na sua essência, pelas vias objetivas das relações sociais, onde a espacialidade se apresenta como um dos elementos estruturantes dessa concretude, juntamente com a necessidade real da manutenção da vida. E sejam efêmeras, pelas vias subjetivas dos processos comunicacionais, onde a linguagem se constitui como um dos elementos de base para a fluidez das idéias e dos movimentos do pensamento na elaboração do conhecimento, provindo das trocas dessas relações sociais.

Assim, se pode afirmar que o concreto no processo de realização das redes informais está presente naquelas condições de melhoria da qualidade de vida, que se objetivam nas reivindicações diretas de determinados grupos sociais, na medida em que esses são elementos dos interesses coletivos, principalmente, daqueles grupos estudados no trabalho de tese referido neste artigo. De outra forma, permanece a abertura para se pensar que os elementos concretos para a constituição das redes informais de comunicação podem ser todos aqueles de interesse coletivo que possam mobilizar as comunidades, diante de algum tipo de desafio ou reivindicação. O que pode vir tornar as redes informais, ao mesmo tempo, efêmeras, por ocorrerem num determinado período de tempo, e na informalidade das relações comunicacionais resultantes do processo realizado.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- AMORÓS, C. 1991. *Hacia una Crítica de la Razón Patriarcal*. 2a. Edição. Barcelona/Espanha: Anthropos Editorial del Hombre, 329 p.
- APREA, G. 2004. *Desarrollo Humano: Necesidades y Derechos em torno a los Medios y Tecnologias de Comunicación*. In: Vozes Cidadãs. Peruzzo, C.M.K. (Org.). São Paulo: Angellara Editora, p. 21-40.
- BABO, M. A. 2002. *A Rede como Metáfora e suas Implicações*. In: A cultura das redes. (Actas do Congresso ICNC 2001). Organização de Maria Lucia Marcos e José Bragança de Miranda. Lisboa: Relógio D'Água Editores, p.387-392.
- BAUMAN. Z. 2003. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 141 p.
- BEAUVOIR, S.1980. *O Segundo Sexo: A experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 500 p.
- BOFF, L. e MURARO, R. M. 2002. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 287 p.
- BOURDIEU, P. 2000. *O poder simbólico*. 3a. Edição, Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 311 p.
- CASTELLS, M. 2001. *A era da informação: economia, sociedade e cultura – A Sociedade em Rede*. Vol.1. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 617 p.

- CERTEAU, M. 1996. *A Invenção do Cotidiano*. 2ª edição. Petrópolis/RJ, Editora Vozes, 382 p.
- COGO, D. M. 1998. No ar...uma rádio comunitária. São Paulo: Ed. Paulinas. 217 p.
- COGO, D. M. e MAIA, J. (Org.). 2006. *Comunicação Para a Cidadania*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 188 p.
- CLAVELIN, I. 2005. *Relatório Final do Projeto Reaprendendo a Comunicar: a voz das mulheres negras do gueto pra fora*. Relatório manuscrito inédito apresentado ao Programa GRAL – Gênero, Reprodução, Ação e Liderança, da UNESCO, executado pela Fundação Carlos Chagas, bolsista da turma de 2004. 7 p. informação por meio eletrônico.
- FISHER, H. 2000. *El primer sexo – las capacidades innatas de las mujeres y cómo están cambiando el mundo*. Traducción de Eva Rodríguez Halfter y Pilar Vásquez. Buenos Aires: Ed. Taurus, 505 p.
- FONSECA, C. 2004. *Fofoca, Família e Honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares*. 2a. Edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 245 p.
- GIFFIN, K. 2002. *Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2002000700011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2002000700011&lng=pt&nrm=iso). Pré-publicação. doi: 10.1590/S0102-311X2002000700011 Acesso em: 14 Fev 2007.
- HABERMAS, J. 1984. *Mudança estrutural da Esfera Pública*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 397 p.
- LEFÈVRE, F. e LEFÈVRE, A. M. 2002. *O Discurso do Sujeito Coletivo*. Uma nova abordagem metodológica da pesquisa qualitativa. Caxias do Sul/RS: Ed. UCS, 255 p.
- LUHMANN, N. 1997. *O Conceito de Sociedade*. In: Niklas Luhmann: A Nova Teoria dos Sistemas. NEVES, C.E.B e SAMIOS, E.M.B. (Org.). Tradução Eva. M.B. Samios. Porto Alegre/RS: Editora da Universidade/UFRGS e Goethe-Institut/CBA, 111 p.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2000. *Transformaciones Comunicativas y tecnológicas de lo público*. V Encontro Iberoamericano del Tercer Sector “Lo publico: una pregunta desde la sociedade civil” 31 del octubre al 2 de noviembre de 2000 em Cartagena/Colômbia. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/galaxia/ojs/viewarticle.php?id=3&layout=abstract&OJSSID=da748cf4a9eb1ecb396b336238cd9e31> Acessado em: 09 de Dezembro de 2005.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2001. *Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 369 p.

- MARTÍN-BARBERO, J. . 2002. *Jóvenes: Comunicación y identidad* Artigo publicado no Site da Pensar Iberoamérica Revista de Cultura. Disponível em: <http://www.campus-oei.org/pensariberoamerica/ric00a03.htm> acessada em 29/01/2006
- PAIVA, R. 2004. *Estratégias da Comunicação e Comunidade Gerativa*. In: Vozes Cidadãs. Peruzzo, Cílicia M.K (Org.). São Paulo: Angellara Editora, p.57-74.
- PERUZZO, C. M. K.1998. *Comunicação nos Movimentos Populares - A participação na construção da cidadania*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 342 p.
- SANTOS, M. 2004. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Ed. Edusp, 204 p.
- SCHERER-WARREN, I. 2005. *Redes Sociales y de movimientos en la sociedad de la información*. Publicado na Revista Nueva Sociedad, Caracas, n. 196, p. 77-92, mar-abr, 2005 acessado em 15.12.2006